


Os trabalhadores em frigoríficos no Rio Grande do Sul: considerações sobre as indústrias da carne e fotografias 3x4, anos 1930/1940

Workers at slaughterhouses in Rio Grande do Sul: considerations on the meat industry and 3 x 4 photographs, 1930s/1940s

Aristeu Elisandro Machado Lopes

 <http://orcid.org/0000-0003-0897-5331>

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A indústria frigorífica foi uma das principais atividades econômicas do Rio Grande do Sul a partir das primeiras décadas do século XX. Alguns dos frigoríficos eram filiais de companhias estrangeiras e outros eram regionais com uma produção direcionada, sobretudo, ao mercado interno. Desde 1933, com o início da emissão da carteira profissional no estado, muitos dos trabalhadores dos frigoríficos solicitaram o novo documento. Este artigo pretende averiguar os dados desses trabalhadores com base nas informações registradas nas fichas de qualificação profissional, as quais permitem traçar um perfil do trabalhador vinculado às indústrias da carne nos anos 1930/1940. A proposta analisa determinados campos da ficha, como o nome do trabalhador, o frigorífico do vínculo profissional, as ocupações, a cor, entre outros. O texto também aborda as fotografias 3x4 dos trabalhadores, de modo a apontar para as peculiaridades fisionômicas que conformam características únicas de cada pessoa na época de produção de seus registros fotográficos.

Palavras-chave: Carteira profissional. Fotografia 3x4. Indústria frigorífica.

Abstract: The slaughtering industry was one of the main economic activities of Rio Grande do Sul in the first decades of the 20th century. Some slaughterhouses were branches of foreign companies and others were regional ones with a targeted production, especially, to the domestic market. Since 1933, with the beginning of the issuance of the professional card in the state, many of the workers at slaughterhouses requested the new document. This article aims to check the data of these workers based on information registered in the records of professional qualification, which enable to outline the profile of the worker linked to the meat industry in the 1930s/1940s. The proposal analyzes certain fields in the record such as the worker's name, the slaughterhouse of the professional activity, the occupations, the color, and others. The text also approaches 3x4 photographs of the workers, in order to point out the face peculiarities that conform to unique characteristics of each person at the time of production of their photographic records.

Keywords: Professional card. 3x4 photograph. Slaughtering industry.

Considerações iniciais

Em março de 1932 foi promulgada pelo governo provisório de Getúlio Vargas a carteira profissional destinada aos trabalhadores e trabalhadoras maiores de 16 anos. Em agosto do mesmo ano foi publicado outro decreto criando as Inspetorias Regionais do Trabalho, vinculadas ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e responsáveis, entre outras atribuições, pela emissão do documento. A inspetoria, em seguida renomeada para



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

delegacia, no Rio Grande do Sul, foi instalada em Porto Alegre, em 1933. Para o registro das informações dos solicitantes foi desenvolvida uma ficha de qualificação profissional, um formulário que registrava os dados profissionais e pessoais e, no seu verso, era afixada uma fotografia 3x4 e as digitais dos dedos das mãos.

Parte significativa dessas fichas foi conservada e, na atualidade, está salvaguardada no Núcleo de Documentação Histórica Professora Beatriz Loner da Universidade Federal de Pelotas.¹ O texto deste artigo pretende analisar uma seleção de fichas sobre os trabalhadores e trabalhadoras dos frigoríficos que solicitaram carteiras profissionais entre os anos de 1933 e 1944, bem como refletir sobre a consolidação da indústria frigorífica no estado do Rio Grande do Sul.

A proposta visa destacar alguns dos campos da ficha, notadamente, o estabelecimento, a profissão, o sexo, a cor, o estado civil, o município onde se localizava o frigorífico e a fotografia 3x4. A partir da pesquisa realizada nos dados do acervo da DRT/RS, o texto apresenta um panorama geral dos frigoríficos e seus trabalhadores e, na sequência, a análise se deterá em três frigoríficos: Borella e Companhia Ltda., de Passo Fundo,² Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros S/A, com suas linhas de produção nas cidades de Canoas, Porto Alegre, Carazinho, Santo Ângelo e Ijuí e Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel Ltda., de Erechim.³

A análise dos dados e de um conjunto das fotografias 3x4 dos trabalhadores e das trabalhadoras desses três frigoríficos possibilita desenvolver um perfil profissional⁴ dos homens e mulheres que, naquele momento, estavam requisitando sua carteira profissional. As fotografias 3x4 atribuem relevância aos objetivos do artigo ao possibilitar ver o rosto dos solicitantes, pessoas quase ausentes em outros registros imagéticos e, quiçá, nem mesmo nas memórias familiares. É essa imagem fotográfica que perenizou o rosto do solicitante que permite “trabalhar tanto a pluralidade dos tempos que se insere na fotografia como a própria fotografia” (MAUAD, 2016, p. 46).

Ainda, como alerta Ulpiano Bezerra de Meneses, “as séries iconográficas” – nas quais se inserem os conjuntos fotográficos – “não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade” (MENESES, 2003, p. 27-28). Nesse sentido, se as informações registradas nas fichas são condutoras para o desenvolvimento de uma análise sobre o perfil profissional dos trabalhadores, as fotografias 3x4 os singularizam ao evidenciar seus rostos e expressões.

Os trabalhadores dos Frigoríficos nos dados da DRT/RS

O Rio Grande do Sul tem grande parte do seu passado ligado às atividades

¹ O Acervo da DRT/RS é constituído por 627.000 fichas referentes ao período entre os anos de 1933 e 1968. As pesquisas foram facilitadas com a criação de um banco de dados que permite inserir as informações constantes na ficha e cruzá-las. Dessa forma, é possível verificar um estabelecimento específico como, por exemplo, os frigoríficos, e a partir desse recorte, buscar somente as informações dos trabalhadores a eles vinculados. No momento, o banco de dados recebe informações das fichas do ano de 1944 e totaliza 48.773 fichas inseridas.

² Atualmente as instalações do frigorífico se localizam no município de Marau, que se emancipou de Passo Fundo em 1955.

³ A Sociedade estava localizada na Colônia Barro, que pertencia a Erechim e, atualmente, é o município de Gaurama.

⁴ Importante destacar que o número de trabalhadores vinculados aos frigoríficos averiguados é maior do que aquele verificado nos dados do acervo da DRT/RS. O texto do artigo se limita somente na averiguação das informações constantes nas fichas dos e das solicitantes, as quais também não representam a totalidade das solicitações de carteira profissional, uma vez que parte da documentação se perdeu antes da sua salvaguarda no NDH/UFPel. Certamente, nas linhas de produção desses estabelecimentos, havia outros trabalhadores com ou sem registros formais de seus vínculos.

econômicas relacionadas, em especial, à pecuária. Desde a colonização da região, rebanhos foram constituídos pelos portugueses e espanhóis que se estabeleceram nas áreas que mais tarde formariam o estado. Conforme apontam Ieda Gutfreind e Heloísa Reichel:

O século XVII caracterizou-se como o período em que as vacarias, sistema de produção baseado na caça ao gado, predominaram na Região Platina. Por haver uma grande concentração de gado selvagem nos campos, iniciou-se o processo de extração e de comercialização dos produtos pecuários, principalmente o couro (GUTFREIND; REICHEL, 1996, 112).

A economia derivada dos rebanhos permitiu, no começo do século XIX, a produção de carne salgada e seca ao sol, que se tornou um dos principais produtos do estado (PESAVENTO, 1980; GUTIERREZ, 1993; VARGAS, 2016). A partir da transformação industrial destinada às melhorias nos processos destinados à produção da carne, as charqueadas foram, gradativamente, sendo substituídas pelos frigoríficos que se instalaram no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

A produção e comercialização de carne congelada — ou frigorificada — iniciou com alguns dos principais abatedouros norte-americanos que desenvolveram avanços tecnológicos e possibilitaram o congelamento da carne. Conforme Antonio Bosi “A carne era produzida em toneladas, empacotada, congelada, transportada e vendida. Isto se tornou viável na segunda metade do século XIX, mas não se converteu imediatamente em uma prática generalizada” (BOSI, 2014, p. 98). No caso do Rio Grande Sul a inserção da nova técnica foi tardia e iniciada por alguns dos frigoríficos que eram filiais de empresas estrangeiras. Em seguida, surgiram outros a partir de iniciativas particulares e governamentais. Ainda havia as indústrias da carne que produziam produtos variados de origem animal que não necessariamente passavam pelo processo de frigorificação, como a produção de embutidos e o refinamento da banha, sendo que esse tipo de atividade fabril já estava instalado desde o século XIX.

Enquanto no sul e na campanha do estado a atividade pecuária estava relacionada com os rebanhos bovinos, no norte predominava os rebanhos suínos:

Em especial na região colonial do Rio Grande do Sul, teve grande dinamismo ainda nas primeiras décadas do século XX, bem como grande rede de comércio e de indústrias, essas, em sua maioria, de expressão regional e com forte organização artesanal (TEDESCO *et. al.*, 2005, p. 222).

O principal produto derivado dessas indústrias foi a banha que, além de atender o mercado local e regional, passou a ser exportada no final do Império e se destacou dentro da economia estadual (FONSECA, 1983, p. 62). A criação de suínos se tornou uma especialização do norte do estado nas regiões da Serra e do Planalto (FONSECA, 1983, p. 49), no Vale do Taquari (TERHORST; SCHMITZ, 2007, p. 100-119) e, notadamente, nos municípios de Ijuí (ADAM, 2017), Guaporé (BALBINOT, 2014), Vacaria (ALMEIDA, 2010) e Passo Fundo (TEDESCO *et al.*, 2005; TEDESCO; SOUZA, 2016).

De acordo com o levantamento realizado no banco de dados do acervo da DRT/RS, as indústrias da carne e de produtos derivados de seu processamento estavam espalhadas no estado, conforme demonstra o quadro 1. Ao buscar informações no banco de dados a partir das palavras “frigorífico” e “carne” nos campos “espécie de estabelecimento” e “estabelecimento”, a pesquisa resultou na localização de 23 frigoríficos e 1825 trabalhadores e trabalhadoras. O que coloca estes estabelecimentos como o tipo de indústria com maior

demanda por carteira profissional nos anos 1930/1940.⁵ O quadro apresenta o total de solicitações de carteira nos 12 frigoríficos mais demandados.

Na região sul, estavam dois dos frigoríficos que eram filiais de companhias estrangeiras. O frigorífico Anglo de Pelotas já possuía outras unidades instaladas na América Latina, sendo outra no Brasil, no município de Barretos no estado de São Paulo, e no Uruguai, em Fray Bentos (ARAÚJO, 2002; MICHELON, 2012). As atividades em Pelotas começaram no ano de 1943 após reformas e adequações nas instalações do antigo Frigorífico Rio Grande, empreendimento local e com capital nacional, adquiridas pelo grupo Vestey Brothers, proprietário do Anglo (MICHELON, 2012, p. 44). Já a Companhia Swift do Brasil estava instalada em Rio Grande desde 1918, além de possuir outra unidade na fronteira oeste, na cidade de Rosário do Sul (PESAVENTO, 1980, p. 139-140).⁶

Quadro 1: Número de trabalhadores por frigorífico.

Frigorífico	Município	Trabalhadores/as
Armour of Brazil Corporation	Santana do Livramento	663
Companhia Swift	Rio Grande e Rosário do Sul	477
Nacionais Sul-Brasileiros S/A	Canoas, Porto Alegre, Carazinho, Santo Ângelo e Ijuí	228
Anglo	Pelotas	162
Borella	Passo Fundo	60
Cooperativa de produção de banha Santa Isabel	Erechim	39
Serrano	Ijuí	26
Boavistense Ltda.	Erechim	18
Hemesath e Cia Ltda.	Pindorama ⁷	19
A. Evers e Cia Ltda.	Santa Cruz do Sul	15
Sociedade Aidomé Ltda.	Arroio do Meio	12
Instituto Sul Riograndense de carnes	Tupanciretã	12
		Total: 1731

Fonte: Elaboração do autor. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.

Na região da campanha, estava sediado o frigorífico Armour of Brazil Corporation. Segundo Sandra Pesavento, a Companhia Armour começou a sua expansão a partir de 1917 com atividades na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, no Chile e no Brasil. Além da unidade de Santana do Livramento, outra também foi construída em São Paulo (PESAVENTO, 1980, p. 135).

Além desses três frigoríficos, outras indústrias de produtos de origem animal estavam em funcionamento a partir do começo do século XX. A região noroeste possuía a maioria dos frigoríficos, sendo os dois de Erechim e aqueles de Passo Fundo, Ijuí, Pindorama (Panambi) e as filiais do Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros de Carazinho, Santo Ângelo e Ijuí. A região central está representada no quadro com dois frigoríficos, um em Santa Cruz do Sul e outro em Arroio do Meio.

A distribuição das fábricas de carne no estado permite algumas considerações. Inicialmente, é inegável que a implantação se deu a partir das especificidades,

⁵ Depois dos frigoríficos, os setores com mais demanda de solicitação de carteiras são: construção civil, fábricas de tecidos e de confecções, indústria do calçado e instituições financeiras, respectivamente.

⁶ A Companhia Swift também possuía uma filial na região de Berisso perto de Buenos Aires (LOBATO, 2001).

⁷ Atual município de Panambi.

necessidades e especialidades de cada região. Assim, nos municípios da fronteira e do sul, o passado dessas regiões, ligado à pecuária com a criação de grandes rebanhos foi um fator essencial para receber as unidades do Armour, do Anglo e do Swift. Como destaca Pesavento, “O Rio Grande do Sul possuía de forma abundante a matéria-prima necessária para o tipo de indústria cujos produtos eram requisitados pelo mercado internacional em expansão” (PESAVENTO, 1980, p. 105-107). Já em Rio Grande, além da existência de um dos principais portos do estado, o que favorecia a exportação da carne frigorificada, a cidade possuía em seu histórico uma ampla e diversificada atividade fabril, com um número significativo de trabalhadores em busca de ocupação (LONER, 2016). Essa última constatação também é apontada para Pelotas, acrescida ao seu histórico ligado à produção das charqueadas — presente ainda no começo do século XX — e que oferecia ao frigorífico uma mão de obra especializada.

Já no norte, no qual predominava o rebanho suíno, era uma região de ocupação recente, sobretudo pelas iniciativas de imigração. Como destaca João Carlos Tedesco e Sirlei Souza: “os imigrantes introduziram a diversificação agrícola e artesanal principalmente em torno da técnica para a preparação de carnes embutidas e curadas e da preparação da banha” (TEDESCO; SOUZA, 2016, p. 13). A produção artesanal e, em especial, familiar, logo se tornou industrial, atendendo o mercado regional e nacional, mas igualmente voltada à exportação:

No tocante à exportação, face às melhorias sanitárias e aos processos técnicos, o Rio Grande principiou a reconquistar os mercados nacionais e estrangeiros. Em 1931, a banha gaúcha começou a ser vendida para a Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Áustria, uma vez que cumpria as exigências sanitárias do padrão internacional de consumo (PESAVENTO, 1983, p. 99).

Para todas as etapas da produção, os estabelecimentos contaram com uma mão de obra disponível em cada região e, em algumas delas, como no norte do estado, conhecedora das tarefas e dos preparos dos artigos alimentícios. Os principais produtos derivados da cultura suína eram manufaturados pelos trabalhadores dos três estabelecimentos industriais que serão analisados na sequência do texto.

O Frigorífico Borella surgiu em 1923 e 10 anos depois “preparava salame, presunto, mortadela e mais artigos do ramo, tendo anexas refinaria de banha e fábrica de caixas para o acondicionamento da sua produção” (XAVIER; OLIVEIRA apud TEDESCO et al., 2005, p. 278).⁸ O Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros foi “criado em 1936, em Canoas. Sua direção estava a cargo da firma de Carlos H. Oderich & Cia., estabelecida em São Sebastião do Caí e Lajeado, que se achava atuando há mais de 20 anos neste ramo de atividade” (PESAVENTO, 1983, p. 109).⁹ Além do frigorífico de Canoas, foram incluídos no empreendimento “estabelecimentos já existentes, com matadouro anexo em Santo Ângelo, Monte Vêneto, Nova Bassano, Caxias, Tubarão (Santa Catarina), Ijuí, Carazinho, Erechim,

⁸ O frigorífico foi adquirido pelo grupo BRF em 1984 e, ainda, se encontra em atividade. Conforme: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/cronologia/>. Acesso em 28/04/2022. Em 2017, a Prefeitura Municipal de Marau sancionou a Lei nº 5338, de 07 de abril de 2017, que “Denomina a Chaminé do Antigo Frigorífico Borella atual empresa BRF como símbolo da industrialização do Município de Marau”. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/m/marau/lei-ordinaria/2017/534/5338/lei-ordinaria-n-5338-2017-denomina-a-chamine-do-antigo-frigorifico-borella-atual-empresa-brf-como-simbolo-da-industrializacao-do-municipio-de-marau-rs>. Acesso em 28/04/2022.

⁹ O estabelecimento da família Oderich se retirou do conglomerado de empresas no ano de 1956. Atualmente, ainda mantém suas linhas de produção na fabricação de salsichas e outros produtos alimentícios. Conforme: <https://www.oderich.com.br/pt/institucional/historia>. Acesso em 30/04/2022.

Viadutos, Passo Fundo e Guaporé” (PESAVENTO, 1983, p. 109).

O conglomerado foi criado a partir das discussões da Sociedade da Banha Sul Rio-Grandense Ltda. e seu objetivo era competir com os concorrentes estrangeiros: “Em 1938 os Frigoríficos passaram ao comando do Estado, que desejava produzir a sua própria carne com o objetivo de cessar o monopólio dos frigoríficos estrangeiros; a empresa fora inaugurada com grande solenidade, enfim, em 1939” (VIEGAS, 2011, p. 50-51).

A partir das citações das autoras, é possível considerar que o novo estabelecimento possuía muitos trabalhadores, o que se verifica nos dados da DRT/RS. Apesar das informações abordarem apenas alguns dos estabelecimentos que formavam o Frigoríficos, ele figurava na segunda posição entre as indústrias da carne com maior demanda por carteiras. A quantidade de fichas dos trabalhadores, embora não representasse o total dos empregados, remete à competitividade pretendida naquele momento.

A Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel produzia um dos principais produtos derivados do abate de suínos, conforme já se destacava no nome do empreendimento. Parte dos estabelecimentos surgidos na década de 1930 era de caráter associativo e com capitais familiares (TEDESCO; SOUZA, 2016, p. 17) e esse foi o formato da constituição da Cooperativa de Banha Santa Isabel que iniciou suas atividades ainda na década de 1930.

As fichas dos trabalhadores e das trabalhadoras do Frigorífico Borella registraram os pedidos de carteiras nos anos de 1939, 1942 e 1945, sendo a maioria (48 solicitações) no primeiro ano. Em relação ao registro da cor, apenas um documento aponta “parda” e nos demais consta “branca”. A maioria dos trabalhadores eram homens (52) e somente oito trabalhadoras. Os solteiros somavam 36 enquanto casados totalizavam 22 e 2 viúvos.

A profissão¹⁰ com maior demanda era “servente” (40) e os demais desempenhavam tarefas variadas, dentre as quais somente duas possuem relação mais direta com o trabalho com a carne: salameiro (2) e ajudante de refinador de banha (1). As demais profissões eram: auxiliar de escritório (3), chofer (3), carpinteiro (3), guarda livros (2), auxiliar de comércio (2), foguista (1), agricultor (1), mecânico (1) e marceneiro (1). Entre as 8 trabalhadoras, 7 eram serventes e 1 era auxiliar de escritório.

Um dos campos da ficha era “sinais particulares” e nele se registrava desde marcas deixadas pela varíola na pele, sinais de nascimento no rosto ou falta de membros. Entre os trabalhadores do Frigorífico Borella, 16 tiveram alguma informação anotada nesse campo e, destes, nove fichas apontavam mãos ou dedos. As anotações são as seguintes: “cicatriz de 5 cm nas 2ª e 3ª falanges do dedo anelar da mão esquerda”, “cicatriz de 3 cm sobre a 1ª falange do dedo polegar da mão esquerda”, “cicatriz de 3 cm sobre o dedo polegar da mão direita”, “defeituosa a 3ª falange do dedo anelar da mão esquerda”, “não tem o movimento da 2ª falange do dedo médio da mão esquerda”, “amputadas a 2ª e a 3ª falange da mão esquerda”, “cicatriz de 2 cm na junta entre a 1ª e a 2ª falange do dedo mínimo da mão esquerda”, “cicatriz de 3 cm sobre o dorso da mão direita” e “cicatriz de 5 cm sobre o dorso da mão esquerda”. A ficha não registrava outras informações como, por exemplo, o tempo de vínculo do trabalhador, o que poderia apontar se o acidente ocorreu após o início do vínculo empregatício com o frigorífico.

Entretanto, como entre os instrumentos de trabalho vários eram cortantes e como sete dos trabalhadores possuíam sequelas na mão esquerda — provavelmente eram destros — indicando que os cortes foram ocasionados por objetos manuseados pelos

¹⁰ A ficha possui o campo “profissão”, embora muitas das atividades laborais daquele momento pudessem ser melhor definidas como “ocupação”, já que poucas profissões estavam regulamentadas.

próprios trabalhadores, é possível considerar que, pelo menos, parte deles se acidentou enquanto executava suas tarefas durante o trabalho. Outro cruzamento dos dados colabora com essa hipótese. Quando observados os campos das fichas “sinais particulares” e “profissão”, oito trabalhadores eram serventes e o outro era um dos guarda-livros. Como será abordado em seguida, os serventes também estavam envolvidos no manuseio do abate dos animais e no processamento dos produtos, o que indica a possibilidade de acidentes no frigorífico entre eles.

Evangelia Aravanis, ao averiguar processos de acidentes de trabalho em Porto Alegre nos anos 1940, pontua que muitas empresas “não tinham seus empregados assegurados, conforme determinava o decreto lei de 10 de julho de 1934” (ARAVANIS, 2012, p. 303). Não há dados para averiguar as condições de trabalho no Borella, contudo, como aponta a autora, a lei era recente e não era observada na capital e essa mesma situação, provavelmente, ocorria no interior do estado. Sandra Pesavento apresenta outro dado que contribui para a possibilidade de os acidentes desses trabalhadores terem ocorrido durante o trabalho: “Juntamente com a indústria metalúrgica e a de fiação e tecelagem, as fábricas de banha e conservas apresentava os maiores índices de acidentes no trabalho” (PESAVENTO, 1983, p. 120). Os dados se referem a anos anteriores àqueles das solicitações de carteira¹¹ e abrangem todo o estado, mas é um indício importante sobre os acidentes de trabalho nos frigoríficos.

Já os 228 trabalhadores e trabalhadoras do conglomerado Frigoríficos estavam assim divididos: 104 em Carazinho, 45 em Canoas, 40 em Santo Ângelo, 38 em Porto Alegre e um em Ijuí. As solicitações foram encaminhadas nos anos de 1939 (106), 1940 (58), 1941 (6), 1942 (38) e 1944 (20), sendo 167 homens e 61 mulheres. Da mesma forma que foi verificado no frigorífico Borella, a maioria das fichas registrou a cor como sendo “branca” (205). Entretanto, nesse frigorífico, outros registros de cores apareceram com cor “parda”: 19 fichas de trabalhadores, duas com cor “mista”, uma com cor “preta” e uma não teve o campo preenchido. Entre os solicitantes, 138 solteiros, 82 casados, seis viúvos e duas fichas não registraram essa informação.

No que se refere ao campo profissão, 125 fichas registraram servente, 51 magarefe, 27 auxiliar de comércio, 9 madeireiro, 2 chanfreiro e com somente 1 registro constavam: ferreiro, plainador, pintor, (ilegível) de couros, maquinista, expedidor, contador, carpinteiro, ronda, foguista, químico, serrador, chofer e uma ficha não teve o campo preenchido.

Os 39 trabalhadores e as trabalhadoras da Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel, 16 eram mulheres e solicitaram suas carteiras entre os anos de 1940 (37 trabalhadores) e 1941 (dois trabalhadores), o número de homens (23) sobressai ao de mulheres (16), embora a diferença não é tão significativa quando comparada com os dados do frigorífico anterior. Ao contrário dos outros dois frigoríficos, todas fichas apontavam a cor como “branca”. Assim como nos outros dois, a maioria era de trabalhadores solteiros (28), sendo 10 casados e 1 viúva. A profissão que mais apareceu foi magarefe (24) e, na sequência, servente (7), auxiliar de comércio (2), pedreiro (2) e, com 1 registro: chofer, carroceiro, foguista e guarda-livros.

Os registros profissionais é outro campo que deve ser analisado. A ocupação dos serventes permite os primeiros apontamentos. Certamente o seu trabalho não estava restrito somente à limpeza dos espaços dos frigoríficos. É provável que os trabalhadores desempenhassem tarefas com instrumentos cortantes relacionadas diretamente com a

¹¹ A autora consultou os Relatórios do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul referentes aos anos de 1932, 1933 e 1934 (PESAVENTO, 1983, p. 120).

produção da carne, como no abate dos animais, na retirada do couro, na evisceração e no desossamento. Da mesma forma, os serventes poderiam desempenhar determinadas atividades na manufatura dos produtos finais, por exemplo, na moagem das carnes e no refinamento da banha. Assim, no Borella, os dois trabalhadores especializados, os salameiros, podem ser apontados como os condutores do trabalho dos serventes no cotidiano do frigorífico. Já o ajudante de refinador de banha, indica que havia outros trabalhadores experientes no trabalho com a banha, provavelmente, com a ocupação de refinador de banha, mas não foram localizados nos dados da DRT/RS.

No Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros, os serventes também são a maioria, mas nesse se destacam os magarefes, estes eram os especializados tanto no abate dos animais como na separação das peças de carne. Já na Sociedade Cooperativa, esta é a profissão em destaque, o que leva a deduzir que parte dos trabalhadores era contratada como servente, mas trabalhava em igualdade com os magarefes, possivelmente com salários inferiores. A presença significativa de serventes nos frigoríficos não é um caso isolado, mas uma constatação verificada em um grande número de indústrias que constam nos dados da DRT/RS. Um exemplo, no que se refere aos frigoríficos, é o Armour que, entre os 663 solicitantes, 558 eram serventes, sendo 226 mulheres (LOPES, 2022).

Outro destaque sobre esses dados se refere ao campo “cor” da ficha. A predominância dos registros como cor “branca” não é um dado constatado apenas nos três frigoríficos, mas constitui parte do conjunto geral de fichas. Atualmente, 84,83% das fichas registraram “branca” como cor dos e das solicitantes.¹² A localização geográfica dos frigoríficos, em regiões com forte presença de imigrantes de etnias europeias, pode ser apontada como uma causa para esse índice. No entanto, quando observado esse mesmo campo da ficha para a cidade de Pelotas, com presença significativa de descendentes de escravizados, a cor que predomina também é “branca” (LOPES, 2019).

Os dados sobre a presença de trabalhadores negros nos frigoríficos demonstram que a maioria dos solicitantes de carteira profissional — semelhante a outras regiões, como exemplifica o caso dos trabalhadores de Pelotas —, eram brancos e brancas. Dessa forma, corrobora ao entendimento de que muitos trabalhadores não brancos continuaram desenvolvendo as mesmas atividades remanescentes do século XIX e parte deles continuou sem vínculo formal com uma empresa e sem a possibilidade de carteira profissional.

Todas as informações averiguadas oportunizam traçar um perfil dos solicitantes de carteira profissional que trabalhavam nesses três frigoríficos, permitindo observar nuances nem sempre disponíveis em outros documentos. A ficha, como apontado anteriormente, é completada com uma fotografia 3x4, destacando o rosto do trabalhador. As figuras 1, 2 e 3 apresentam 30 trabalhadores do Frigorífico Borella. O decreto que regulamentou a carteira profissional explicava que as fotografias, além do formato 3x4, deveriam apresentar o rosto do trabalhador, conforme o artigo 6º:

As fotografias que figurarão na carteira deverão reproduzir a imagem da cabeça tomada de frente, com as dimensões aproximadas de três centímetros por quatro, tendo, num dos ângulos, em algarismos bem visíveis, a data em que tiverem sido feitas, não se admitindo fotografias tiradas mais de um ano antes da sua apresentação.¹³

¹² O trabalho de inserção das informações das fichas no banco de dados foi paralisado em março de 2020 devido à pandemia de covid-19 e retomado, aos poucos, em junho de 2022.

¹³ BRASIL. Decreto nº 21.580, de 29 de Junho de 1932. Altera e regulamenta o decreto n.º 21.175, de 21 de março de 1932, que institui a carteira profissional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21580-29-junho-1932-526759-republicacao->



Figura 1: Amália Rodrigues (servente), Elise Zanchetta (servente), Armindo Giovenardi (servente), Nadir Giovenardi (servente), João Giovenardi (salameiro), Antonio Giovenardi (salameiro), Atilio Zanchetta (servente), Lídio Fischer (servente), Mário Fischer (servente), Sabina Marchetto Cappelli (auxiliar de escritório) e José Cappelli (marceneiro). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 2: Santo Marchetto (guarda-livros), Sílvio Marchetto (auxiliar de escritório), Angelo La Maison (servente), João Lídio La Maison (servente), Mercedes Minella (servente), Francisco Minella (servente), Pasqual Pegoretti (servente), Gabriel Pegoretti (servente), Miguel Pegoretii (servente), Inês Zamoner (servente), e Angelo Zamoner (servente). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 3: Arlindo Gralha La Maison (mecânico), Jadir Foresty (guarda-livros), Tranquile Tonin (servente), Pedro de Quadros (servente), Angelo Defacci (servente), Benjamin Zamuner (servente), Adolfo Schneider (servente) e Domingos Vezaro (carpinteiro). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.

Em todas as fotografias das figuras 1 e 2 a data é: 29 de dezembro de 1939, indicando que todos foram fotografados no mesmo dia. Já os oito fotografados da figura 3 realizaram seus registros nos dias 11 de fevereiro de 1942 e 14 de fevereiro de 1942.

É possível considerar que os registros dos primeiros 22 trabalhadores foram realizados fora de um estúdio fotográfico, talvez nas dependências do frigorífico, e pelo mesmo fotógrafo. A hipótese para essa possibilidade se ampara na própria fotografia, na qual é possível verificar que o modelo da placa com a data é o mesmo e o fundo é composto por um tecido escuro, dando uniformidade ao registro. Igual situação já foi verificada em outros conjuntos fotográficos que pertencem ao acervo da DRT/RS, sendo que em algumas fotografias o maquinário da fábrica é visível no fundo (LOPES, 2022). Cleber Silva aponta uma situação que vai ao encontro da produção das fotografias dos trabalhadores do frigorífico fora de um estúdio. Ele explica que o fotógrafo Assis Horta, de Diamantina, foi contratado pela Fábrica de Tecidos da Vila de Biribiri para realizar as fotografias 3x4 dos quase 300 trabalhadores que solicitariam carteira profissional: “montou ali um estúdio improvisado. Levou sua máquina Compur de fole, com lente original Voigtländer Braunschweg Heliar 1:45 fm, um tripé e um rebatedor” (SILVA, 2017, p. 100). Dessa forma, é provável que os proprietários do frigorífico promoveram o registro fotográfico de seus trabalhadores e, além disso, o preenchimento dos dados foi realizado pelo próprio estabelecimento, sendo que todas as fichas apresentam carimbo do frigorífico. Essa possibilidade foi prevista no decreto, conforme o inciso 2º do artigo 4º: “Além do próprio interessado, os empregadores ou os sindicatos oficialmente reconhecidos poderão promover o andamento do pedido das carteiras [...]”.¹⁴

A primeira trabalhadora da figura 1, Amália Rodrigues, é uma das mais jovens. Nascida em 12/03/1925, sua fotografia foi produzida quando ainda tinha 14 anos. A segunda, Elise Zanchetta, também estava entre os trabalhadores mais jovens. Conforme

¹⁴ Idem.

sua ficha, ela nasceu em 26/02/1924 e foi fotografada com 15 anos. O terceiro, Armindo Giovenardi, nasceu em 25/11/1924 e seu registro ocorreu pouco mais de um mês após completar 15 anos. As fichas dos três registraram a ocupação de servente. No mesmo ano da criação da carteira profissional, 1932, outro decreto regulamentava o trabalho dos menores na indústria, permitindo a sua admissão a partir dos 14 anos. O documento era acompanhado de dois quadros com a proibição de contratação em determinadas indústrias ou tipos de trabalho, neste último critério constavam os frigoríficos, ou seja, os menores poderiam ser contratados, desde que não atuassem diretamente com as linhas de produção.¹⁵ O frigorífico estava de acordo com decreto no que se refere à idade mínima, mas é provável que não estava no que se refere às ocupações. O número considerável de serventes indica que eles tinham, de fato, contato com as linhas de produção — o que incluía, também, o trabalho dos menores.

Um detalhe é semelhante nos registros fotográficos tanto naqueles de 1939 como nos de 1942. Todas e todos os fotografados apresentaram-se diante do fotógrafo bem-vestidos. A maioria dos homens veste gravata e casaco, enquanto as mulheres estavam com os seus cabelos penteados e com acessórios. A segunda trabalhadora da figura 1 usava um laço, o que indicava sua jovialidade, e as demais, apesar de não ser visível na fotografia, certamente usavam grampos. A apresentação dos trabalhadores para o registro permite apontar que a realização das fotografias ocorreu no começo ou no final do turno de trabalho. Em outras palavras, como a maioria deles desempenhava a ocupação de servente, é improvável que as vestimentas usadas durante o expediente fossem as mesmas dos registros. É visto em duas fotografias — aquelas do oitavo e nono trabalhador, Lídio Fischer e Mário Fischer da figura 1 — que o casaco é o mesmo, mantendo, inclusive, igual adereço na lapela. Uma possibilidade seria que apenas um deles fosse o dono e havia emprestado ao outro no momento do registro ou ambos tinham casacos iguais. As duas constatações são amparadas na verificação de que eles eram irmãos.¹⁶

João Carlos Tedesco e Sirlei de Souza, ao analisarem a história do Frigorífico Z. D. Costi & Cia Ltda., de Passo Fundo, fundado em 1948, explicam que no começo das atividades, o proprietário “ia buscar grande parte da mão de obra no meio rural do município” (TEDESCO; SOUZA, 2016, p. 28), uma vez que “no meio rural havia famílias numerosas, com pouca terra e renda insuficiente para atender a todos os membros da família” (TEDESCO; SOUZA, 2016, p. 29). É provável que situação semelhante ocorreu com o Borella, fundado anos antes do frigorífico estudado pelos autores, uma vez que os dados possibilitaram verificar vínculos familiares. Na figura 1, Armindo Giovenardi e Nadir Giovenardi eram irmãos, sendo que João Giovenardi era pai dos dois e irmão de Antonio Giovenardi. Já Atilio Zanchetta era pai de Elise Zanchetta. Conforme sua ficha, além da esposa como dependente, também constavam oito filhos, entre os quais estava Elise. Sabina Marchetto Cappelli era esposa de José Cappelli e nas fichas de ambos constam os nomes dos três filhos como dependentes: Maria Rosa, Reinaldo e Therezinha.

Na figura 2, Santo Marchetto era pai de Sabina e de Sílvio Marchetto. Angelo La Maison, João Lídio La Maison e Arlindo Grallha La Maison (este é o primeiro da figura 3) eram irmãos. Mercedes Minella e Francisco Minella, Pasqual Pegoretti, Gabriel Pegoretti e Miguel Pegoretti e Inês Zamoner e Angelo Zamoner também eram irmãos. A oportunidade

¹⁵ BRASIL. Decreto nº 22.042, de 03 de novembro de 1932. Estabelece as condições do trabalho dos menores na indústria. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22042-3-novembro-1932-499365-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 24/10/2021.

¹⁶ As informações sobre os vínculos familiares são verificadas ao comparar o campo “filiação” das fichas dos solicitantes, no qual era possível registrar o nome da mãe e do pai.

de encontrar emprego em um estabelecimento com uma linha de produção industrial que não se distanciava dos conhecimentos artesanais, do cotidiano com o abate de animais e a manufatura da banha atraía as famílias da região, as quais, como visto, envolviam irmãos, pais e filhos, marido e esposa.

As fotografias das figuras, aparentemente, corroboram com o dado registrado nas fichas no que se refere ao campo “cor”. Conforme apontado anteriormente, a quase totalidade dos solicitantes do frigorífico Borella era constituída por brancos.¹⁷ De acordo com o censo de 1940, o mais próximo das datas registradas nas fotografias dos trabalhadores, Passo Fundo possuía 80.138 habitantes, com predominância significativa de registros de cor branca. O quadro 2 apresenta os dados do Censo de 1940 referentes às cores dos habitantes dos quatro municípios que sediavam os frigoríficos nos quais os trabalhadores que compõem os conjuntos fotográficos estavam vinculados.¹⁸

Quadro 2: Cor/Municípios por número de habitantes

Cor	Passo Fundo	Erechim	Carazinho	Canoas
Branca	75.433	102.800	47.738	15.486
Preta	3.991	3.567	2.811	1.074
Amarela	15	5	2	6
Parda	683	625	297	1.047
Não declarada	16	38	18	17
Total	80.138	107.035	50.866	17.630

Fonte: *Recenseamento Geral do Brasil – Parte XX Rio Grande do Sul. Tomo I. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.*¹⁹

Conforme o quadro, nos quatro municípios é evidente a hegemonia de registro de cor “branca”. As informações vão ao encontro daquelas anotadas nas fichas de qualificação da DRT/RS no que se refere ao campo “cor” preenchidas como “branca”, o que igualmente se evidencia nos registros fotográficos dos trabalhadores do Frigorífico Borella. Essa constatação é semelhante no que se refere aos 20 trabalhadores da Sociedade da Banha Santa Isabel, de Erechim, apresentados nas figuras 4 e 5.

¹⁷ A ficha do único trabalhador com o registro de cor como “parda” não possui sua fotografia 3x4.

¹⁸ Sobre o sistema de cores adotado pelo IBGE, no censo realizado em 1940, ver SPERANZA, 2017, p. 100-124.

¹⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral do Brasil – Parte XX Rio Grande do Sul. Tomo I. Rio de Janeiro: 1950, p. 154.* Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XX_t1_RS.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.



Figura 4: Olmar Baratto (magarefe), Carlo Andreis (pedreiro), Oscar Pagliari (foguista), Miguel Pereira (servente), Olivia de Almeida (magarefe), Ana Luiza Soares (magarefe), Maria Dallacosta (magarefe), Affonso Kasper (servente), Helena Deggerone (magarefe) e Violanda Cervieri (magarefe). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 5: Rosa Balancelli (magarefe), Ida Sfredo (magarefe), Gerusa Castanha Dias (magarefe), Branca Rosa Busanello (magarefe), Fidencio de Almeida (magarefe), Alfredo Backes (magarefe), Angelo Brunski (auxiliar de comércio), Percilla Sacamori (magarefe), Evaldo Albino Lorens (carroceiro) e Querino Demarco (chofer). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.

As regiões de Erechim e Passo Fundo são próximas, sendo ambas com colonização de imigrantes chegados nas últimas décadas do século XIX e no começo do século XX, justamente no momento em que o Estado brasileiro iniciava as políticas de incentivo à imigração. No entanto, conforme apontam Márcia Caron e João Tedesco, a região do Alto Uruguai foi ocupada, no século XIX, e antes da chegada efetiva dos imigrantes, “por negros e caboclos, que ali se refugiavam por acharem-se protegidos pelo relevo acidentado e pelas matas nativas” (CARON; TEDESCO, 2012, p. 226). Nas décadas posteriores, conforme apontam os dados do censo e aqueles da DRT/RS — considerando somente as informações dos trabalhadores dos dois frigoríficos da região — a população branca prevaleceu na história dos municípios. Em Erechim, nos anos 1950, o número de famílias

negras era significativo, mas “encontravam-se, na grande maioria, nas periferias do município” (SANTOS, 2018, p. 36). A partir da constatação da autora, é possível considerar que os trabalhadores não brancos do município encontravam-se desempenhando funções informais de trabalho, sendo que para muitos deles ter ou não uma carteira profissional era indiferente na busca por uma ocupação.

A maioria das fotografias das figuras 4 e 5 está turva, mas ainda assim é possível identificar a data na placa, o dia 05 de junho de 1940. Da mesma forma que foi verificado para o registro dos trabalhadores do Frigorífico Borella, todos os vinculados à Sociedade foram fotografados no mesmo dia. Os registros fotográficos reforçam a hipótese de que essas fotografias foram realizadas fora de um estúdio fotográfico e com um fundo improvisado com tecido escuro. Ainda, especificamente nessas fotografias, o fato de a revelação apresentar os trabalhadores ligeiramente desfocados denota que o fotógrafo enfrentou certa adversidade ao produzir os registros, talvez perceptíveis somente no momento da revelação. Se as fotografias tivessem sido feitas em estúdio, com luz adequada e enquadramento condizente e antevisto, tais problemas não teriam ocorrido.

Da mesma forma que os registros fotográficos anteriores, os trabalhadores e as trabalhadoras se apresentaram bem vestidos diante do fotógrafo. Novamente a maioria dos homens usava gravata e casaco e as mulheres com os cabelos apurados. Nota-se na última trabalhadora da figura 4 que ela usava um brinco, sendo que há quase ausência de acessórios nos registros fotográficos das mulheres – talvez uma relação com as linhas de produção do frigorífico nas quais, certamente, o uso de joias e outros adereços eram vetados para evitar que, numa possível perda, o objeto se misturasse com os produtos. A exceção estava nos grampos usados para prender os cabelos e evitar que os fios caíssem, outra provável regra que elas deveriam seguir no trabalho.

Assim como os trabalhadores do Borella, que constam nas fotografias das figuras 1, 2 e 3, todos os trabalhadores da Cooperativa da Banha das figuras 4 e 5 registraram branca no campo cor de suas fichas. No entanto, uma consideração relevante é necessária ao se observar a fotografia do quarto trabalhador da figura 4 que, apesar do registro da cor branca, fenotipicamente, é possível considerá-lo, na atualidade, como uma pessoa não branca.²⁰

Uma das características que assim poderia defini-lo está em seu cabelo alisado, mas que nas laterais ainda mantém parte do encarapinhado natural. Uma possível consideração sobre esse trabalhador está no seu contexto social, marcado pela política de incentivo à imigração e, também, na realidade do mercado de trabalho que, naquele momento, tinha preferência pela mão de obra branca e de origem europeia. Conforme aponta Sandra Pesavento “fosse através da busca de trabalhadores na própria zona colonial, fosse através da importação direta de uma mão de obra estrangeira, as empresas industriais da época demonstravam uma preferência nítida pelo operário-imigrante” (PESAVENTO, 1989, p. 71).

Especificamente sobre o norte do Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e as primeiras décadas seguintes, a região se caracterizou como “um espaço territorial que estava passando por um intenso movimento de adensamento demográfico e de ocupação” no qual ocorreu “um encontro e uma convivência em um mesmo espaço de diferentes grupos sociais (indígenas, negros, imigrantes e nacionais)” (SILVA, 2014, p. 269). Coincidindo com esse período, sobretudo a partir dos anos 1870, chegou ao Brasil “todo um ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel

²⁰ Em que pese as discussões contemporâneas sobre a complexa relação entre cor da pele e definição de identidade étnico-racial, assim como a declaração e a autodeclaração, é possível considerar que o referido trabalhador era pessoa não branca.

fundamental” (SCHWARCZ, 1993, p. 14) favorecendo, por exemplo, o desenvolvimento de ideologias de “embranquecimento”. Ramatis Jacino, ao analisar a participação de homens negros e mulheres negras no mercado de trabalho em São Paulo nos anos 1910, explica que:

A decisão de importar europeus para ocupar o lugar dos ex-escravizados na agricultura, a “ideologia do branqueamento”, resultado de concepções elaboradas nas academias e apropriadas pelo senso comum e a preferência por trabalhadores brancos, teriam sido determinantes para o “branqueamento” dos trabalhadores. Em outras palavras, restringindo a presença de homens e mulheres negros na gênese do mercado de trabalho na capital do mais rico Estado do país (JACINO, 2012, p. 184).

A interpretação do autor é semelhante àquela apontada por Sandra Pesavento e colabora com o entendimento da pouca presença de trabalhadores não brancos nos dados do acervo da DRT/RS e, em especial, entre aqueles vinculados aos dois frigoríficos. Dessa forma, ao observar a fotografia do rosto do quarto trabalhador, é possível considerar que ele, não alheio a realidade social no qual estava inserido e ciente das perspectivas do mercado de trabalho, tenha optado por informar sua cor como branca.²¹ Assim, caso necessitasse buscar por nova ocupação, talvez essa informação em sua carteira profissional poderia facilitar encontrar um novo emprego.

Os trabalhadores do Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros compõem as figuras 6 e 7 e representam uma parte daqueles que atuavam nos municípios de Carazinho e Canoas, respectivamente. Sobre os conjuntos fotográficos anteriores foi considerada a hipótese de que a realização dos registros ocorreu fora de um estúdio e, possivelmente, no local de trabalho. Essa constatação também é atribuída em relação a alguns dos trabalhadores do Frigoríficos, embora com uma característica específica. Os dois primeiros da figura 6 foram fotografados usando um avental. Em outras palavras, seus registros foram realizados durante o expediente, eles paralisaram suas atividades para a fotografia e, em seguida, retomaram. Ambos foram fotografados no mesmo dia: 14 de junho de 1939, igual data que consta nos demais fotografados, o que indica que todos realizaram o registro ao mesmo tempo.²²

²¹ A ficha de qualificação profissional não permite assegurar que todas as informações fossem, de fato, declaradas pelo solicitante. No entanto, duas considerações são necessárias. A primeira está no próprio documento que apresenta o primeiro campo como “declaração”, seguida pelo número da solicitação. A segunda está no exemplo em tela, ou seja, a ficha do trabalhador registrou a sua cor como “branca”, apesar de sua fotografia denotar se tratar de uma pessoa não branca, portanto, é possível que, de fato, assim ele se considerava.

²² Há outras fotografias do mês de junho de 1939 indicando que o trabalho do fotógrafo foi realizado em mais de um dia. Há também fotografias com datas variadas, sendo algumas em estúdio fotográfico.



Figura 6: João Subtil Oliveira (magarefe), Antonio Guimarães (magarefe), Simão Dzjobginsky (madeireiro), Benjamin de Oliveira (servente), Sebastião Campos Saldanha (servente), Cypriano Dias (servente), Emilio Henrique Guilherme Wall (madeireiro), Assis Brazil Nunes da Roza (magarefe), Orlando Giaconetti (magarefe) e Adão Moreira Machado (magarefe). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 7: Edith Pedroso Lacerda (servente), Ermelinda Ribeiro (servente), Marina Araújo Pinto (magarefe), Luiza Vericimo dos Santos (servente), Nayr Pereira (servente), Adão Camillo da Silva (servente), Nelson Souza da Rosa (servente), Eva Ferreira de Carvalho (servente), Osvaldina Santos (servente) e Manoel Luiz da Silva (servente). Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.

Já as trabalhadoras e os trabalhadores da figura 7 também foram fotografados no mesmo dia: 20 de novembro de 1940. O detalhe que se destaca nos primeiros sete é que eles estão vestindo roupas brancas, talvez um uniforme usado durante o trabalho. Nota-se que as três primeiras vestem roupas com outras tonalidades por debaixo e as duas seguintes, um mesmo modelo com botão. Já os três últimos, podem ter optado por retirar a vestimenta de trabalho antes do registro. Independente da circunstância da realização do registro fotográfico, a sua produção apresenta o rosto do trabalhador permitindo visualizá-los, o que nem sempre é possível nos documentos relativos à história do trabalho no Brasil.

Nota-se nesses conjuntos fotográficos que, ao contrário dos anteriores, há pessoas

com registros diferentes de cor. Na figura 6 as fichas do quarto, do quinto, do oitavo e do décimo registraram a cor “parda”, enquanto na figura 7 a ficha do último trabalhador também assim registrou. Contudo, ao considerar os dados do Censo de 1940, conforme o quadro 2 acima, nos dois municípios a cor branca predominava entre os seus habitantes. Carazinho é outro município que, assim como Passo Fundo e Erechim, também está localizado na parte norte do estado e com presença significativa de imigrantes. Já Canoas está situada entre Porto Alegre e outra região com forte colonização, a do Vale do Rio dos Sinos. As informações sobre os registros de cor dos trabalhadores dos três frigoríficos reforçam a hipótese anterior sobre a predominância de homens e mulheres brancos no mercado de trabalho formal, especificamente com carteira profissional. Enquanto a maioria dos considerados não brancos permaneciam na informalidade ou em ocupações nas quais ter ou não carteira profissional não faria diferença significativa na busca por melhores condições de trabalho e existência.

Considerações Finais

Os dados dos trabalhadores e das trabalhadoras dos três frigoríficos possibilitaram o desenvolvimento de um perfil do solicitante de carteira profissional. É a partir das informações registradas nas fichas de qualificação profissional que foi possível traçar esse perfil evidenciando os nomes, o local de trabalho, o estado civil, a cor registrada e as profissões. Especificamente sobre a cor, foi averiguada a presença significativa de registros como branca, o que estava paralelamente de acordo com o Censo de 1940. No caso do Frigorífico Borella, o campo “sinais particulares” permitiu ponderar a hipótese dos acidentes de trabalho, embora essa seja uma consideração que, para ser melhor evidenciada, demandaria cruzamento com outros documentos. Com base na análise das fichas, se confirmou que nos anos 1930/1940 a indústria da carne, notadamente os estabelecimentos frigoríficos, era uma das principais atividades econômicas no estado, com destaque aos produtos de origem suína, conforme aponta a bibliografia.

No que se refere aos conjuntos fotográficos dos trabalhadores dos três frigoríficos, suas fotografias possuem determinadas características que mais os aproximam do que os diferenciam. Além da rigidez do formato 3x4, geralmente observada em fotografias que objetivam a produção de documentos oficiais, os registros foram produzidos em circunstâncias muito semelhantes, possivelmente fora de um estúdio e com fundos improvisados pelos fotógrafos. Entretanto, outra discussão relevante está na captação do rosto do trabalhador e da trabalhadora. É a partir das fotografias 3x4 que o solicitante se torna presente para além de todos os dados anotados na ficha, já que elas permitem individualizar cada um deles revelando suas fisionomias e peculiaridades. Ulpiano Bezerra de Meneses aponta que

As imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas — já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas — com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar (MENESES, 2003, p. 28).

A produção das fotografias 3x4 tinha um objetivo muito claro no momento que foram confeccionadas, ou seja, a solicitação da carteira profissional. Após os trâmites burocráticos, a ficha e, conseqüentemente, a fotografia, eram arquivadas, tornando-se imanentes e

esquecidas dentro de uma caixa. Entretanto, na atualidade, elas adquirem outro significado, tornando-se documentos e consentem estabelecer relações historiográficas relacionadas com a trajetória dos frigoríficos no Rio Grande do Sul, mas não se encerra somente nessa discussão. As fotografias 3x4 conformam outros sentidos ao dar visibilidade para trabalhadores comuns, permitindo uma percepção sobre quem eles eram, e tornando-os sujeitos relevantes do contexto histórico no qual estavam envolvidos.

Referências

ADAM, Paulo. A banha no Rio Grande do Sul – final do século XIX e primeira metade do século XX. *Estudios Históricos*. Rivera-Uruguay, n. 18, p. 01-25, 2017.

ALMEIDA, Isabel. *O frigorífico Vacariense nos Campos de Cima da Serra e o Milagre brasileiro (1964-1997): família, trabalho e progresso*. Passo Fundo: Méritos, 2010.

ARAÚJO, Célia. *Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos-1927/1935*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

ARAVANIS, Evangelia. Os processos de acidentes de trabalho na capital do Rio Grande do Sul no início da Era Vargas: embates entre a Justiça, o patronato e o trabalhador. *Revista Latino-Americana de História*. São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 300-310, 2012.

BALBINOT, Giovani. *Desenvolvimento econômico do município de Guaporé: a agroindústria da banha e do couro (1892-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

BOSI, Antonio. Dos Açougues aos Frigoríficos: uma História Social do Trabalho na Produção de Carne, 1750 a 1950. *Revista de História Regional*, UEPG, v. 19, p. 83-103, 2014.

CARON, Márcia dos Santos; TEDESCO, João Carlos. O Estado positivista no norte do RS: a questão da propriedade da terra e a fundação da colônia Erechim (1890/1910). *História UNISINOS*, v. 16, n. 2, p. 220-231, 2012.

FONSECA, Pedro. *RS: economia & conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa. *As raízes históricas do Mercosul*. A região platina colonial. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

GUTIERREZ, Ester. *Negros, charqueadas, olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral do Brasil – Parte XX Rio Grande do Sul*. Tomo I. Rio de Janeiro: 1950, p. 154. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XX_t1_RS.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

JACINO, Ramatis. *O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-abolição – 1912/1920*. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

LOBATO, Mirta. *La vida en las fábricas*. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970). Buenos Aires: Prometeo Libros/Entrepasados, 2001.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. 2. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2016.

LOPES, Aristeu. Mulheres trabalhadoras no Rio Grande do Sul: fotografias 3x4 de solicitantes de carteira profissional (1933 - 1944). *História (São Paulo)*, v. 41, p. 01-25, 2022.

LOPES, Aristeu. Os trabalhadores negros em 3x4: fotografia, história do trabalho e pós-abolição. Pelotas-RS, 1933-1944. *Revista Mundos do Trabalho*. Florianópolis, v. 11, p. 1-24, 2019.

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. *Maracanan*, v. 12, n. 14, p. 33-48, 2016.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MICHELON, Francisca. *Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

PESAVENTO, Sandra. *Emergência dos subalternos*. Porto Alegre: FAPERGS/UFRGS, 1989.

PESAVENTO, Sandra. *República Velha Gaúcha*. Charqueadas, Frigoríficos, Criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL: 1980.

PESAVENTO, Sandra. *RS: Agropecuária colonial & Industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SANTOS, Fernanda Pomorski dos. *Clube Treze de Maio: a busca por visibilidade, reconhecimento e parcerias (Erechim, 1949-1982)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, 2018.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Cléber. *O olhar de Assis Horta: Tradição e dignidade em retratos de operários*. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens). Juiz de Fora: Dissertação de Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

SILVA, Marcio Antônio Both da. Histórias de um lugar onde “preconceitos raciais nunca houve”: os negros nas matas do Rio Grande do Sul (1889-1930). *Topoi*, v. 15, n. 28, p. 266-286, 2014.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Branco, preto, pardo, moreno ou escuro? Classificações raciais nas carteiras dos trabalhadores gaúchos (1933-1945). *Tempos Históricos*, UNIOESTE, v. 21, p. 100-124, 2017.

TEDESCO, João Carlos; BEAX, Paulo; SOUZA, Sirlei de Fátima; CECHEZ, Renan. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: Evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo. 1960-1990*. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

TEDESCO, João Carlos; SOUZA, Sirlei de Fátima de. *Frigoríficos e olarias em Passo Fundo*: dinâmicas industriais em sinergias-1940 a 1980. Erechim: All Print Varella, 2016.

TERHORST, Karine Inês; SCHMITZ, José Antonio. Desenvolvimento rural e agroindústria familiar: um estudo na regional sindical da Serra do Alto Taquari. In: MENASCHE, Renata. *A agricultura familiar à mesa*: Saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 100-119.

VARGAS, Jonas. *Os barões do charque e suas fortunas*. Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016.

VIEGAS, Daniele. *Entre o(s) passado(s) e o(s) futuros(s) da cidade*: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

Notas de autoria

Aristeu Elisandro Machado Lopes é doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Realizou Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (2018). É Professor Associado II do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: aristeuufpel@yahoo.com.br

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Os trabalhadores em frigoríficos no Rio Grande do Sul: considerações sobre as indústrias da carne e fotografias 3x4, anos 1930/1940. *Sæculum – Revista de História*, v. 27, n. 47, p. 119-138, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da FAPERGS (19/2551-0001687-5).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 09/07/2022.

Modificações solicitadas em 08/12/2022.

Aprovado em 02/01/2023.